

**ENTRELAÇAMENTOS E CRUZOS: NARRATIVAS DE PROFESSORAS/ES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO COLETIVA****INTERCONNECTINGS AND CROSSINGS: NARRATIVES OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS IN TIMES OF PANDEMICS IN THE COLLECTIVE ORIENTATION PROCESS**

Pedro Alves Castro<sup>1,\*</sup> / João Augusto Galvão Rosa Costa<sup>1</sup> /  
Dinah Vasconcellos Terra<sup>1</sup>

**PARA INÍCIO DE CONVERSA**

Para falarmos da nossa experiência na orientação coletiva, relembramos o momento político-histórico que vivíamos e que ainda vivemos em nossa país, uma pandemia mundial, causada por um vírus, e um governo pouco interessado em superar toda essa situação do país. Por conta da pandemia do Coronavírus, as atividades presenciais em vários espaços públicos foram suspensas, incluindo as Universidades e Escolas Públicas. No âmbito da pós-graduação, a princípio, resistimos aos ataques políticos-ideológicos e a falta de investimentos, orquestrada por um governo negacionista e que pouco valoriza a ciência, a educação, a tecnologia e a cultura. Continuamos as nossas atividades de maneira remota, com orientações coletivas e individuais, encontramos no grupo de pesquisa e participação em eventos.

Destacamos aqui, os momentos vividos no âmbito das orientações coletivas, que nos agregavam junto a nossa orientadora. Nós, professoras/res da educação básica e também, estudantes da pós-graduação, tentávamos entender o que estava acontecendo naquele momento histórico, inédito para todas/os, logo, nos propomos a ler o livro “A Cruel Pedagogia do Vírus”, de autoria de Santos (2020). No período de agosto a dezembro de 2020, líamos, debatíamos, e no transcorrer dos encontros, tivemos a necessidade de investigar como as/os colegas, professoras/res da nossa área, estavam enfrentando aquele momento, pensávamos em ir ao encontro desses colegas, mas nos demos conta que também éramos, professoras/res dessa realidade. Semanalmente, compartilhamos as nossas narrativas (auto)biográficas (MOTA, BRAGANÇA, 2020), de maneira escrita, em um documento compartilhado e também narrávamos oralmente as mesmas, adicionando ou suprimindo detalhes.

<sup>1</sup>Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense - FEUFF, Niterói, Rio de Janeiro – Brasil.

\*E-mail para correspondência: profpacastro@gmail.com

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho é analisar/problematizar as narrativas escritas de professoras/es de Educação Física vinculadas/os ao Programa de Pós-Graduação em Educação, de uma Universidade Pública, pela experiência da orientação coletiva no período de pandemia do Coronavírus, questionando os seus processos, atravessamentos do fluxo narrativo, entrelaçamentos e cruzos. Situamos o trabalho no campo das pesquisas narrativas autobiográficas. Acreditamos que o processo de orientação coletiva é um espaço potente para a construção dos projetos de pesquisa, mas também, um espaço de formação importante nas trajetórias de mestrandas/dos, doutorandas/dos, e da professora universitária que os guiam.

**Palavras-chave:** Narrativas. Orientação coletiva. Educação Física..

**ABSTRACT**

The objective of this work is to analyze/problematize the written narratives of Physical Education teachers linked to the Graduate Program in Education, of a Public University, through the experience of collective guidance during the Coronavirus pandemic period, questioning their processes, crossings of the narrative flow, entanglements and crossings. We situate the work in the field of autobiographical narrative research. We believe that the collective guidance process is a powerful space for the construction of research projects, but also an important training space in the trajectories of master's students, doctoral students, and the university professor who guide them.

**Keywords:** Narratives. Collective orientation. Physical Education.

*Submetido em:* 26 de out. 2021

*Aceito em:* 26 de out. 2021

Entrelaçamentos e cruzos constituem as nossas existências, e naquele momento, percebemos esses aspectos que se somavam, complementam-se, e assim, percebemos o ser e o fazer professor/a de cada um. Angústias, sentimentos, inseguranças, perspectivas frente às realidades, modos de resistir, modos de se reinventar. Neste trabalho, conversamos com algumas dessas narrativas, destacadas em itálico e com nome fictícios de professores/ras, que foram compartilhadas em um pequeno coletivo de 8 pessoas, mas que dialogam com o momento vivido por nós, bem como, por outras/os colegas de profissão. Liguem as câmeras e abram os microfones, vamos começar...

### **SER PROFESSOR/A DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PANDEMIA**

A partir das narrativas que compartilhamos neste texto, nos deparamos com elementos que nos atravessam, enquanto professoras/es de Educação Física. Sobretudo, pelas aprendizagens experienciais trocadas, que se entrelaçam e se cruzam no fluxo narrativo, ao vivermos uma pandemia e ocupar esses entrelugares (Universidade, escola). Inspirados pelas leituras de Rufino (2019) pensamos que a vida é o que importa, assim, através dos caminhos cruzados, podemos pensar em outro senso ético, repensando a relação entre a vida, os conhecimentos e os saberes que são construídos no seio de uma pandemia, visto que:

Cabe ressaltar que as sabedorias de fresta, encarnadas e enunciadas pelos corpos transgressores e resilientes, sempre estiveram a favor daqueles que as souberam reivindicar. Assim, me inspiro nas lições passadas que foram aprisionadas nas margens da história para aqui firmar como verso de encanto a defesa de

que a condição do ser é primordial à manifestação do saber (RUFINO, 2019, p.9).

Colocamos em cena questões para o campo da Educação Física, ao narrarmos a nossa existência, pois, para Krenak (2020) ou você produz as condições para se manter vivo ou produz as condições para morrer. Diante dos dilemas que o Coronavírus nos colocou, enquanto sujeitos no/do mundo e professores/as com compromissos em nossos nichos de atuação, nos perguntamos também sobre as diferentes temporalidades do viver uma época do seguinte cruzo: Saber viver ou saber sobreviver? Tempos de lutar pela sobrevivência ou quiçá “sobrevi-ciência? Questões que se misturam aos discursos negacionistas e anticientificistas narrados e sentidos por nós professores/ras e pesquisadores/ras do campo da Educação Física.

Com isso, nos desafiamos neste processo de escrita assumido no estudo, se constituindo como um ato político e de resistência, contra aqueles que insistem em deslegitimar a ciência, o acúmulo e a produção dos conhecimentos. Impulsionamos a publicação de textos pelos que de fato constroem a Educação – narrando suas experiências, revelando suas ideias, analisando o que fazem – é uma conquista de toda a categoria profissional, pois, quando um educador torna público os seus textos, todos ganhamos (PRADO; SOLIGO, 2007).

Nesse isolamento corporal e dizemos isso para pensar o corpo à distância no campo da Educação Física, evidenciamos o ato de narrar como um ato epistemopolítico, que eclode nos dizeres de Benjamin (1996) a morte da narrativa pela dimensão da experiência. Compreendemos que outras experiências foram disparadas nessa fronteira entre o visível e o invisível.

Os silêncios dos alunos por não ter condições de acesso aos meios tecnológicos para assistir às aulas, tanto na Educação Superior, quanto na Educação Básica. A reconfiguração da cultura corporal de movimento nos espaços em que atuamos, sendo transportada para o digital de maneira desenfreada.

Stefanni (2011) destaca que na Educação Física o contato com a escola e a prática docente, em diálogo com os estudantes e a comunidade escolar, são elementos fundamentais para o desenvolvimento profissional. No entanto, as dificuldades impostas pela pandemia refletiram diretamente, nas aulas de Educação Física, impedindo um acompanhamento direto e o contato necessário para o desenvolvimento da disciplina, assim como, todas as outras disciplinas escolares.

### **NARRAR E GRAVAR AS CENAS: OS ENTRECOMTEXTOS NA ORIENTAÇÃO COLETIVA**

Na construção coletiva que nos propomos, o processo de lançarmos em uma narrativa não é fácil, principalmente pela dimensão dos desafios do viver docente em uma pandemia, um dos/das nossos colegas destaca que *“Desafios foram lançados por esse contexto pandêmico. Reinventar a roda da docência seria um princípio que poderia nos guiar nesse momento. Meu trabalho com a turma do 6º ano se voltou para a retomada do tema do primeiro bimestre Jogo, brinquedo e brincadeiras de rua. Tema que surgiu de uma primeira atividade feita com os alunos onde os mesmos narram à sua maneira (escrita ou desenho) em uma folha de papel sua trajetória na Educação física escolar. Interessante que a ideia de trajetória para muitos se voltou para uma atividade ou momento que julgaram ser marcante no con-*

tato com a disciplina” (Professor José).

O mesmo continua, “Entendo que esse distanciamento físico e social limita de certa forma a dimensão da problematização, “do perguntar cara a cara”. Minhas aulas basicamente se pautam pela construção coletiva do planejamento, reflexões, vivências no diálogo com os conhecimentos, saberes, olhares e percepções dos alunos sobre si, o mundo, a sociedade, a escola, o corpo e a Rede Municipal” (Professor José). Ao depararmos com essa narrativa, percebemos os movimentos de reinvenção, exigidos pela pandemia e que foram colocados como desafios para as/os professoras/es, as/os forçando a repensar os lugares que a Educação Física habita. Além disso, notamos a evidência de que a aula é feita em conjunto, professoras/es e estudantes, comungando e propondo ações na direção do ensino e da aprendizagem.

“Neste período remoto, iniciamos pelo resgate desses momentos pelo uso de imagens do artista plástico Ivan Cruz que possui pinturas que retratam brincadeiras de rua em diferentes cenários culturais do RJ. O uso das imagens mobiliza outra forma de entrada na temática em si, bem como, traz para o contexto uma dimensão estética e o “despertar” de um olhar sensível para as construções culturais produzidas por sujeitos do território carioca” (Professora Paula). Nessa narrativa, a colega nos mostra a busca por outras fontes para a construção da sua aula, refletindo sobre outros elementos que devem ser considerados durante o planejamento das aulas da disciplina, “Dimensão estética e o despertar de um olhar sensível”.

[...] nessa escola, realizo atividades adaptadas para os alunos que possuem deficiência. Recebi da escola um documento com o “perfil” de cada

aluno, porém entendo que não tive o contato necessário no período presencial que contribuiu para o desenvolvimento de um trabalho mais próximo das suas necessidades. A dimensão da tentativa também incorpora o meu fazer docente pelo diálogo com os responsáveis no âmbito de perceber o que eles conseguem realizar” (Professor Josias). Nesse trecho da narrativa, o professor destaca a interação com os estudantes deficientes, ressaltando a importância dos pais, tendo em vista que o seu contato com os estudantes foi pouco para compreender melhor as necessidades educacionais dos mesmos. Essa é mais uma situação que ficou evidenciada na pandemia e que é vivenciada diariamente pelas/os professoras/res, os desafios com os estudantes deficientes.

No âmbito da profissão docente, uma das colegas destacou os ataques da prefeitura municipal na qual atua, que em plena pandemia queria alterar o plano de carreira dos mesmos, diminuindo direitos e declarando uma verdadeira caçada às/aos professoras/res. “Como lutar por nossos direitos no meio da pandemia e na quarentena? Isso é reflexo de um cronograma histórico das políticas neoliberais que pretendem legitimar ainda mais a desvalorização da profissão e trabalho docente?” (Professora Regina). Essas questões surgem em conjunto com “os discursos que desempenham uma variedade de políticas em diferentes lugares com o objetivo de criar uma noção de que as reformas são uma necessidade natural, constituindo parte inevitável da globalização e do mercado internacional que exige mudanças na educação” (HYPÓLITO, 2010, p. 1340).

Nesse contexto que vivemos, da pandemia Covid-19, percebemos uma aceleração das reformas privatis-

tas que já vinham minando a educação brasileira, através de dois elementos, “a responsabilização e a meritocracia”. A responsabilização, recai sobre os/as professores/as através da vigilância e das avaliações de larga escala, que erroneamente, servem como balança para a distribuição de recursos, já a meritocracia, destina-se aos estudantes, como uma das máximas do neoliberalismo, que através da individualização dos sujeitos, os responsabiliza plenamente por seu desenvolvimento, pouco importando as condições de acesso e a garantia dos direitos sociais, que são dever e garantidos pelo estado (FREITAS, 2016).

Além disso, o ambiente virtual, através do ensino remoto precário, tomou para si, a vigilância sobre o trabalho pedagógico desenvolvido por professores/as. Para os reformistas, a utilização dos meios digitais sinaliza a necessidade de privatização do setor público, este definido como o “que não presta”, sendo o privado a possibilidade de acesso igual para as crianças e adolescentes, no entanto, é preciso pagar a conta novamente, principalmente aqueles/as das classes populares. É válido lembrar que para o setor privado e o mercado, o ensino remoto se coloca enquanto mais um espaço para lucros, pouco importando a qualidade do ensino, afinal de contas, pacotes e plataformas, garantirão “a boa educação”.

Essas narrativas apresentadas trazem consigo algumas situações vividas pelas professoras/res da Educação Básica, nesse momento de pandemia, e que nos levam a pensar os elementos e as condições nas quais, o trabalho docente e a escola, como um todo enfrentam para que os processos educativos sejam desenvolvidos. No espaço das orientações coletivas, construímos um espaço de partilha, refle-

xões e trocas, que nos auxiliaram a enfrentar a pandemia, mas também em percebermos a importância do diálogo para a nossa formação enquanto pesquisadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho apontou para um caminho formativo possível, através das orientações coletivas e das narrativas, mas colocando em destaque os temas/dimensões/conteúdos abordados e vividos pelos sujeitos/autores da pesquisa na pandemia. Repensar as condições docentes, a escola, as relações com os estudantes, os processos formativos na pós-graduação, é de fundamental importância para construirmos proposições com o que queremos.

As narrativas enquanto elementos potentes para repensarmos todos esses pontos, é um caminho que possibilita/ou um redirecionamento das nossas compreensões. Uma percepção panorâmica do contexto histórico, a centralidade dos sujeitos no processo de construção do saber e a autoria docente, vêm à tona com as narrativas. Mas aqui, para nós, essas narrativas dialogam e não se distanciam, estão no corpo do texto, o que evidencia a nossa postura epistemopolítica perante o ato de pesquisar e a Educação. Narrativas enquanto parte, entre, com, textos e referências, não apenas como meras ilustrações ou como trechos para validar o que queremos falar ou reafirmar nesse espaço.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 7. ed., São Paulo – SP: Brasiliense, 1996.

FREITAS, Luís Carlos de. Três teses sobre as reformas empresariais da educação: perdendo a ingenuidade. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 36, n. 99, p. 137-153, maio-ago., 2016. Acesso em: 18 de set. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/RmPTyx4p7KXfcQdSMkPGWFy/abstract/?lang=pt>

HYPÓLITO, Álvaro Moreira. Políticas Curriculares, Estado e Regulação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.31, n.113, out./dez., p.1337-1354, 2010. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/edicao/77>. Acesso em: 23 ago. de 2019.

KRENAK, Aílton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo, Companhia das letras, 2020.

MOTTA, Thaís da Costa; BRAGANÇA, Inês. Ferreira de Souza. *Pesquisa-formação: uma opção teórico-metodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica*. Artes de dizerfazer-dizer os saberes da experiência. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 4, n. 12, p. 1034-1049, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6191/pdf>. Acesso em: 12 de dez. de 2020.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram as histórias de formação. In: (Orgs.). **Porque escrever é fazer história**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia da encruzilhada**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra, Almedina, 2020.